

Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus.

**Jornada técnica: objetos controversos e a pesquisa em museus
Realizada no Museu da República/IBRAM-MinC em 17 de maio de 2017.**

A atribuição dos museus no contexto nacional e internacional.

Maria Ignez Mantovani Franco (Presidente ICOM–BR)

Em primeiro lugar, agradeço ao presidente do Ibram, Marcelo Araújo, e aos diretores dos museus nacionais que organizam esta jornada, pelo convite para participar deste painel de abertura.

O ICOM e o ICOM Brasil agradecem a inclusão do tema *Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus* como elo inspirador deste encontro. Eleito como tema do ano pelo Conselho Internacional de Museus, ele atesta o quanto nossa instituição – o ICOM – vive um momento de renovação, atenta ao mundo contemporâneo em que os museus atuam, internacionalmente. Em lugar de falar sobre temas mais etéreos, que muitas vezes povoaram as escolhas anteriores que marcaram o Dia Internacional de Museus, hoje vemos um discurso institucional do ICOM muito mais incisivo, destemido, corajoso.

Enfrentar o *indizível* é um procedimento museológico fundamental, e hoje o Conselho Internacional de Museus nos encoraja, fortemente, a fazê-lo.

Mais do que celebrar o Dia Internacional de Museus, o ICOM assinala os múltiplos papéis dos museus no mundo contemporâneo, muito mais interessados em pesquisar, examinar o ambiente instável em que vivemos, compreender causas e consequências, do que em buscar paisagens culturais e sociais plácidas, que possam apenas informar e tranquilizar nossos visitantes.

Permito-me aqui, para iniciar, retomar literalmente o grande chamamento do ICOM neste ano de 2017, para que estejamos todos inspirados pelas mesmas palavras e ideias que iluminarão certamente museus em todo o mundo, em mais de 150 países, neste momento.

“O tema do ano foca os museus como instituições que trabalham a serviço da sociedade, transformando-se em canais de pacificação das relações entre os povos. Põe em relevo como a aceitação de um passado doloroso, de histórias contestadas, constitui um primeiro passo, pressupõe uma nova visão para se imaginar um futuro comum, sob o signo da reconciliação.

Ao escolher dizer o indizível em museus, o tema de 2017 nos permite apreender o incompreensível nos passados dolorosos inerentes à humanidade. Esse tema convida o museu a posicionar-se como um ator de apaziguamento das histórias traumáticas passadas, graças à mediação e à pluralidade dos pontos de vista expressos.

Independentemente da natureza das instituições culturais, convidamos os atores do mundo todo a se envolverem neste evento que permitirá uma visão de mundo para além dos temas tabus, para que haja uma melhor compreensão mútua. ”

É importante, a princípio, reconhecer o momento histórico em que o ICOM se pronuncia globalmente, de forma tão clara e contundente. Ele assinala de modo incisivo que o museu pode ser um mediador de conflitos, atuando em torno das grandes questões que incomodam a sociedade, que distanciam os povos. Abrir-se ao conflito não significa nele mergulhar de forma passiva. Ao contrário, o ICOM indica claramente que o museu deve se posicionar como um elemento mediador, articulador entre as partes dissonantes, depositário da pluralidade dos pontos de vista, e procurar estabelecer um novo pacto de compreensão mútua entre os povos. Significa, sim, lutar contra todo o tipo de desigualdade, viver o incômodo de posicionar-se em momentos de pressão, buscar um lugar de gestor do conflito, interagindo e tentando compor, muitas vezes, entre realidades diametralmente opostas.

Dizer o indizível em museus é, portanto, um território vasto, que sem dúvida perpassa muitos caminhos do conhecimento inerentes ao campo museológico. Pode parecer, inicialmente, que se trata de uma reavaliação histórica de nosso passado, da coragem em repactuar feitos ou fatos

históricos, de revolver e questionar episódios já aparentemente aceitos como ocorridos, ou de buscar novos significados para desmistificar ou legitimar memórias sociais.

Sim, *dizer o indizível* se presta a tudo isso e muito mais. Indica, sim, que os museus se interessem de fato em incluir, processar, pesquisar, questionar, eleger, expor e revelar outras narrativas para além das já consagradas. Implica em reolhar para seus acervos históricos, científicos, artísticos, etc., com dúvidas, com questionamentos, com inquietação, com a liberdade e o compromisso de quem de fato quer enxergar para além do que já está descoberto, classificado, catalogado, documentado, exposto.

O tempo é um forte aliado do museu e não pode ser negligenciado. Um novo tempo se apresenta a cada dia e, com ele, novas pesquisas, novos achados, novas técnicas, novas práticas, novos métodos, novos enunciados, novas dúvidas, novas disciplinas do conhecimento lhe são agregados. *Dizer o indizível* significa também estar alerta para compreender cada vez mais e melhor a visão, a missão institucional e os valores de um museu, porém sem proteger cegamente o conhecimento já enunciado, difundido, nomeado, publicado. Significa ousar, abrir novas comportas, deixar-se invadir pelas dúvidas, pelo inconstante, pelo novo, pelo que ainda pode surgir à frente.

Pressupõe, da mesma forma, propor novos discursos e interlocuções curatoriais, aceitar novas metodologias e linguagens de comunicação, abrir-se a novos canais de mediação com nossos públicos, cativos ou não, e também aceitar que outras vozes venham a ser portadoras de novos confrontos e desafios para o museu.

O próprio conceito de pesquisa, que é algo que se inscreve como elemento estruturador do fazer museológico, traz em si uma instabilidade permanente. A pesquisa se alimenta da busca, da insaciabilidade, da não completude. Os achados muitas vezes alardeados como definitivos são meros passos estruturadores para novas pesquisas. A pesquisa é algo envolvente, porque seus passos nem sempre são apenas sequenciais, mas, muitas vezes, concomitantes. Descobertas se acumulam e fazem a evolução de uma pesquisa, e assim chegamos muitas vezes a ter prêmios e descobertas compartilhados entre pesquisadores de diferentes partes do mundo, por não ser possível precisar quem tocou a ponta da raia em primeiro lugar.

Um dado significativo da pesquisa em museus é o fato de que ela é contínua, não finita. Ela é, portanto, em sua essência, incompleta, mutante.

Por outro lado, o fascínio da pesquisa interdisciplinar está em mesclar conhecimentos, olhar com olhos de outro, deixar-se envolver por novos métodos, compartilhar dúvidas sobre conhecimentos que mal dominamos, acolher hipóteses que ameaçam nossas pretensas certezas, chegar a conclusões que jamais esperamos. É nisso que consiste a pesquisa em museus, sejam eles de história, de ciências, de arte, de etnologia, de arqueologia, de antropologia, de música, etc., e seja qual for sua vinculação institucional.

Hoje vemos pesquisas incríveis, como a recentemente levada a termo por dois grupos de profissionais de museus – um holandês e outro espanhol –, em busca de um conhecimento mais amplo sobre a obra de Bosch, em que atuaram alguns historiadores da arte, restauradores, e outros especialistas. Antecipando as comemorações dos 500 anos da morte do pintor, celebrados com exposições no Museu Noordebrabant, em 's-Hertogenbosch, cidade natal do artista, e no Museu do Prado, em Madri, foram realizados estudos, que incluíram visitas técnicas e estadas das equipes no Museu do Prado e na Gallerie dell'Accademia de Veneza. Nesse caso, a análise integral da obra, do contexto histórico e dos documentos encontrados foi grandiosamente beneficiada pelo estudo das camadas pictóricas a partir de exames sofisticadíssimos, e, acima de tudo, pela datação das marcações do suporte em madeira, ações que fizeram parte de uma investigação mais aprofundada, que indicou novos aspectos a respeito da autoria das obras e de suas características estilísticas – um processo que foi registrado no documentário *Jheronimus Bosch – Touched by the Evil*, produzido em 2015.¹ Resultados reveladores como esses não podem ser vistos como retrocessos ou ameaças pelo museu proprietário da obra, no caso, o Prado, mas como avanços na compreensão de um conjunto ainda maior de conhecimentos sobre a obra, o artista e sobre a produção do período.

Assim, cada busca, cada achado na pesquisa em museus, nos traz a certeza de que o insondável nos espera, ou seja, há passos ainda não trilhados que serão reservados certamente a novos pesquisadores no futuro.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DWhNV-GN3ew>. Acesso 10/5/2017.

Nesse sentido, palavras-chave que sempre atribuíram prestígio a um museu, tais como: acervo, coleção, relíquia, autenticidade, obra-prima, original, são mais do que nunca objetos de conhecimento, de pesquisa e de reflexão.

Os procedimentos museológicos também se expandiram através dos séculos e, sem dúvida, o incauto ou destemido gesto classificatório de um objeto como original, único, incomparável já se modificou contemporaneamente. Não há pressa, pressão ou certeza iminente que deva facilitar a introdução de uma obra, de um objeto ou de uma espécie no acervo de um museu.

Costumamos mesmo dizer que o exercício mais desafiador e também mais necessário para o campo da museologia é o descarte, ou seja, nosso olhar hoje não é exatamente voltado à incorporação, mas sim à seleção apurada, à análise, ao descarte; por vezes, sim, a eleição do objeto se configura, mas só depois que muitas questões tenham sido respondidas, ou seja, que a bateria de testes tenha sido considerada suficiente para aquele momento histórico. Dá-se então, nesse caso, a entronização do objeto ao acervo do museu.

Indagar o objeto é um elemento de desestabilização fundamental ao processo de musealização. O compromisso museológico não reside em construir narrativas com pretensas certezas ou com objetos históricos potencialmente interessantes; não se concentra em atribuir autorias aleatórias ou autenticidade duvidosa a obras para introduzi-las em acervos artísticos. O museu interage com o mercado como observador, mas se reserva o direito de se proteger de ondas de valorização ou depreciação de obras, artistas ou movimentos.

Na vida dos museus, cada vez mais se somam instâncias de análises, atuam diferentes profissionais de distintas áreas do conhecimento, manifestam-se colegiados, para imprimir seriedade e transparência ao processo seletivo e de incorporação de novos itens aos acervos museológicos. O rigor profissional nas áreas de pesquisa, documentação e curadoria, o trabalho compartilhado entre diferentes áreas e os exercícios de mediação constantes vêm imprimindo um sentido mais amplo e preciso ao processo de musealização de um objeto.

Há que se registrar ainda outro movimento pendular que é constante e que perpassa o fazer museológico. O museu não se resume a si próprio e a sua equipe de pesquisa, por mais ampla e competente que ela possa ser. O museu tem de estar permanentemente aberto à interação e à atuação de pesquisadores de outras instituições de ensino, de pesquisa, quer seja de seu círculo de relações, como de outros mais distantes e até desconhecidos. Hoje as pesquisas atravessam continentes, são inter-relacionais, interdisciplinares e se valem de mútuos programas de cooperação.

Daí podermos considerar ser imprescindível que o museu se coloque como um campo de observação e, seu acervo, como um objeto de estudo, eixo simbólico de conhecimento a ser compartilhado socialmente.

Em tempos de grande aceleração da comunicação global, em que as mídias sociais adquirem um papel estratégico na vida das nações, das instituições e das pessoas, o apuro da documentação museológica constante e sua difusão *online* podem ser eixos de fortalecimento institucional para os museus. O compartilhamento da informação e a atitude corajosa de comunicar certezas, mas também dúvidas, pode representar uma força motriz significativa para os museus. Mal comparando, o surgimento da Wikipedia e a rapidez de seu crescimento nos mostram que é possível também contar com o conhecimento alheio qualificado. Compartilhar conhecimento é uma forma de convidar outros atores a participarem da vida do museu, em diferentes dimensões. Se hoje concordamos que ao museu cabe contar com o público não apenas como visitante/espectador, mas como ator na cena museológica, por que não ouvi-lo também quanto a informações, versões e hipóteses relativas ao seu acervo?

Experiências inovadoras em museus nos mostram estratégias que estabelecem diálogos entre grupos de cidadãos, de frequentadores assíduos, de escolares, de pesquisadores, com processos de pesquisa, coleta, seleção e validação de acervos. Da mesma forma, esses grupos atuam na definição conjunta de políticas de acervos e se envolvem em processos de ressignificação e descarte de objetos, quando necessário.

Há ainda no subtexto do enunciado que o ICOM nos apresenta, neste ano, uma outra questão: as histórias e narrativas, bem como os objetos controversos, têm papel relevante nos museus. Os museus não são lugares de certezas, não são *locus* para respaldar as histórias oficiais, nem para abrigar exclusivamente objetos consagrados. São, sim, lugares de memória

social, por vezes incompleta, frágil ou polêmica. São *locus* onde se permite contar múltiplas versões de um mesmo fato; onde se pode celebrar um feito ou desmistificá-lo; lugar próprio para estimular a reflexão sobre diferentes temporalidades, valores e práticas sociais.

Do mesmo modo, um objeto pode receber distintas perguntas, pode validar ou não narrativas e pode até mesmo mudar de sentido numa coleção, em diferentes momentos históricos. Objetos são partes mutantes do acervo de um museu, dependendo do contexto social, do momento histórico e dos responsáveis por sua sobrevivência no museu, ou por seu descarte. A versatilidade de um objeto na coleção de um museu é enorme, e se engana quem o condena a uma única interpretação ou participação em determinado relato histórico. Ele é portador de múltiplos sentidos, de novos enfoques, de diferentes percepções, e se articula de forma inesperada em novos conjuntos, temas e variadas linguagens.

Assim, podemos considerar que o museu é uma instituição que toma decisões contínuas, muitas vezes contraditórias, se levarmos em conta as características e demandas das mais distintas gestões e temporalidades.

Gostaria ainda de pontuar outra questão relevante: o papel educacional dos museus não está ameaçado pela eventual inconsistência da narrativa de um fato, ou pela mudança na atribuição de uma obra. A instituição "museu" vocaciona-se mais a permitir a compreensão de que um mesmo fato pode ter múltiplas versões, do que a transmitir a ideia de uma história acabada; mais a permitir que a pesquisa possa levar a diferentes caminhos de análise, do que a consagrar uma atribuição.

Finalizando, gostaria de assinalar que o museu é, por excelência, uma instituição destinada a longa permanência, a registrar e consolidar aspectos relevantes da vida social, artística e científica de determinada sociedade. Por definição, o museu emerge e sobrevive às inconstâncias, mas estas são elementos essenciais à sua existência. A confiabilidade de um museu não está nas respostas assertivas que ele possa nos dar, ou no número de peças comprovadamente originais que ele possa deter, mas essencialmente na transparência das versões inacabadas que ele seja capaz de pesquisar e comunicar, em interlocução permanente com a sociedade. Muitas vezes, os museus tendem a cristalizar uma versão para evitar a polêmica a respeito de um fato artístico ou histórico; seria talvez mais interessante compartilhar as múltiplas versões e engajar o visitante no processo de

descobrir e revelar os resultados obtidos. Conclusões à parte, há momentos em que o que vale mesmo para o visitante é vivenciar o processo.

Assim, cabe muito mais ao museu o papel de transmitir aos seus visitantes a capacidade de analisar, de tolerar, de se indignar, de indagar, de compartilhar conhecimento e de se humanizar. Preparar nossa sociedade para o mundo complexo em que vivemos não é de todo uma tarefa fácil! Complexidade, resistência e tolerância não são fatores simples de serem digeridos. Requerem força e talento de profissionais que consigam transformar o museu em um elemento vivo e atuante, capaz de influenciar positivamente o cenário em que está inserido. Nossos museus e seus acervos detêm o passado incompleto, coletam o presente incerto e se propõem a discutir um futuro melhor e menos ameaçador para todos.

Finalizando, desejo que nossos museus sejam lugares de memória, de histórias fabulosas e prodigiosas, porém fecundas e *indizíveis*!

Obrigada!